

***O mundo do avesso*, de Leticia Cesarino, é uma obra que requer coragem – para ser escrita e para ser lida**

***O mundo do avesso by Leticia Cesarino
is a work that requires courage
– to be written and to be read***

JACQUELINE AUSTIER DOMINGUES^a

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.
São Paulo – SP, Brasil

RESUMO

Esta resenha tem como objetivo apresentar e refletir acerca das principais ideias presentes na obra *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*, de Leticia Cesarino, antropóloga, pesquisadora e docente brasileira. A autora expõe que, para compreender fenômenos contemporâneos como o populismo e a desinformação, é necessário, primeiramente, enxergar a dimensão técnica de suas infraestruturas, apoiando-se na perspectiva cibernética de Gregory Bateson para explicar seu argumento central. Como resultado, Cesarino desenvolve uma obra potente e disruptiva, que transforma o pensamento da leitora atenta, por vislumbrar novas possibilidades de entendimento sobre as crises que permeiam o atual cenário sociopolítico brasileiro.

Palavras-chave: Digital, explicação cibernética, política, públicos antiestruturais.

ABSTRACT

This review aims to describe and reflect on the main ideas contained in the work, *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital* by Leticia Cesarino, a Brazilian anthropologist, researcher, and teacher. The author explains that understanding contemporary phenomena such as populism and disinformation first requires observing the technical dimension of their infrastructures - relying on the cybernetic perspective of Gregory Bateson to explain her central argument. As a result, Cesarino develops a powerful and disruptive work that envisions new possibilities for understanding the crises that permeate the current Brazilian sociopolitical scenario and modifies careful readers' thoughts.

Keywords: Anti-structural publics, cybernetic explanation, digital, politics.

^a Dotoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM – ECA/USP). Membro do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo (GESC3). Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0219-2140>. E-mail: jacquelineausier@usp.br

Cesarino, Letícia. (2022).
O mundo do avesso. Ubu. 304 p.

UM DOS MAIORES acontecimentos da história humana recente se dá entre a década de 1990 e o início dos anos 2000, quando a internet e a rede mundial de computadores se deslocam da posição de máquinas militares, com acesso restrito, para uma tecnologia cada vez mais presente no cotidiano social, ao alcance do “indivíduo comum”. É nesse momento de transição que teóricos e estudiosos de múltiplas áreas se voltam para os possíveis impactos da internet e do digital em esferas distintas, desde a antropologia até a matemática, por exemplo. Com isso, um dos primeiros questionamentos delineados, inclusive de maneira interdisciplinar, foi a relação entre política e o ambiente online. Os primeiros debates se voltavam, principalmente, para uma possível “democracia digital”, visto que, como apontam Farias, Cardoso e Oliveira (2020, p. 76), nos anos 1990, “. . . a internet era celebrada como uma invenção que inauguraria uma nova era da democracia cultural e política, talvez por meio de novas formas de governança eletrônica e contribuições diretas de cidadãos-jornalistas”.

Na medida em que essa “previsão” não se tornou realidade, novos ângulos acerca da política na era digital passaram a se destacar, sendo um deles a investigação sobre o discurso radical e extremista propagado em diferentes realidades sociopolíticas e o papel desempenhado pelos meios tecnológicos (cada vez mais sofisticados) nessa dinâmica. No Brasil, o interesse por esse viés específico se intensificou significativamente a partir de 2016, quando a presidenta Dilma Rousseff sofreu um impeachment de teor golpista, e, posteriormente, com a campanha e eleição do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro (2019-2022). É nesse cenário que a antropóloga, pesquisadora e professora Letícia Cesarino inicia, em 2018, a investigação que resulta na obra *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*, publicada pela Ubu em novembro de 2022.

Nas primeiras páginas, Cesarino explica que sua motivação veio de uma curiosidade quanto às supostas singularidades no comportamento político-eleitoral brasileiro durante as eleições presidenciais de 2018. Para compreender o ocorrido, entretanto, a autora recorre à teoria cibernética de Gregory Bateson (1972), convidando o leitor – ou melhor, a leitora, como diz a própria Cesarino – a enxergar a dimensão técnica que constitui os fenômenos da contemporaneidade. Posto isso, a autora opta por dividir o livro em duas partes, além de introdução e conclusão. A primeira é composta por dois capítulos, intitulados “Sistemas dinâmicos e a perspectiva cibernética” e “O ‘mal-estar’ na plataformização”, que se dedicam a apresentar os principais conceitos teóricos que norteiam e amparam

o argumento central da obra, sendo sua seção mais densa. Já a segunda parte é composta pelos capítulos “Política: algoritmização e populismo” e “Verdade: conspiracionismos e *alt-sciences*”, nos quais Cesarino busca explicar, a partir das teorias introduzidas na primeira metade do livro, a conjuntura política brasileira e a crise de confiança enfrentadas pela ciência e pela democracia, além de apresentar novos *insights* e perspectivas conforme o desenvolvimento dos capítulos.

Cesarino tem consciência de que a jornada proposta por sua pesquisa não é fácil de ser percorrida. Na introdução, a autora se preocupa em estabelecer um diálogo com a leitora, como uma espécie de preparação para o que será discutido nas páginas seguintes. Como ela mesma destaca: “o espírito deste livro, que parte das ciências das complexidades, é ser compreensível para qualquer leitora dotada de interesse, intuição e abertura a uma mirada diferente sobre os processos sociais” (Cesarino, 2022, p. 11). Sendo assim, ao invés de intimidar, o texto de Cesarino instiga a continuação da leitura, ainda que seja necessário ler (ou reler) cada trecho com bastante atenção. Em uma introdução impactante, a pesquisadora pincela algumas noções teóricas (como a explicação cibernética e os sistemas lineares e não lineares), ao mesmo passo que as relaciona com o contexto sociopolítico brasileiro dos últimos anos. Além disso, resume brevemente cada um dos capítulos e como eles estão interligados, possibilitando que a leitora esteja mais situada para iniciar o conteúdo propriamente dito.

O primeiro capítulo preocupa-se em estabelecer um novo olhar acerca dos sistemas. Cesarino explica que segue se referindo aos mesmos sistemas do senso comum: políticos, econômicos, jurídicos etc. O que muda, entretanto, é o modo de enxergá-los, já que eles são socialmente compreendidos como processos históricos e lineares. Aqui, a autora busca justamente o que é trans-histórico nesses conjuntos, ou seja, “uma dinâmica ou modo de funcionamento comum”, que extrapole as diferentes esferas de organização social, superando as particularidades de cada uma. Para tornar visível essa infraestrutura comum, Cesarino recorre às contribuições de Bateson (1972), antropólogo que nos anos 1940 compunha o movimento original da cibernética – definida primeiramente, por Norbert Wiener (1948), como uma super ciência que pretende averiguar “os elementos comuns no funcionamento de máquinas automáticas e no sistema nervoso humano, e desenvolver uma teoria capaz de cobrir todo o campo da comunicação e controle em máquinas e organismos vivos” (Wiener, 1948, p. 14).

Partindo daí, Bateson (1972) desenvolveu aquilo que chamou de explicação cibernética ou negativa, centrada em sistemas dinâmicos, ao contrário da perspectiva positiva, que converge em torno dos sistemas lineares. Isso posto, enquanto a explicação positiva interpreta os sistemas a partir das relações de causalidade

linear, a explicação cibernética se atenta para “padrões de coemergência de agências em um mesmo campo dinâmico de complexidade, regidos por causalidades recursivas. . . ou efeitos de retroalimentação” (Cesarino, 2022, p. 30). Sendo assim, quando fatores de desestabilização – como as novas mídias – atuam sobre um sistema, ele não pode seguir uma lógica linear, visto que a imprevisibilidade se torna protagonista do seu funcionamento. Na vida cotidiana, por mais que a maioria dos indivíduos cumpra uma certa rotina, todos estão sujeitos a possível entropia dos acontecimentos. Justamente por isso, Cesarino defende que, nas relações do mundo real, existe uma predominância de sistemas não lineares, razão pela qual a explicação cibernética se torna mais eficiente para a análise de contexto proposta na obra.

Elucidada essa questão basilar, a autora aprofunda a discussão sobre o alinhamento existente entre máquina-animal-humano, no esforço de evidenciar a cibernética como uma ciência que abrange os processos de “comunicação e controle no animal e na máquina” (Wiener, 1948). Cesarino recorre a uma perspectiva histórica para abordar a dinâmica e a trajetória das ciências normais, que auxiliarão na compreensão de alguns dos conceitos-chave de *O mundo do avesso*: as estruturas e as antiestruturas. Em síntese, a ciência normal necessita de um consenso minimamente estável, por parte dos membros de uma comunidade, com relação a um paradigma partilhado. Conta, portanto, com revisão de pares, normas éticas, procedimentos científicos específicos etc.

Todavia, nenhum paradigma se desenvolve infinitamente, pois alcança seus limites de apreensão do real, eliminando os resquícios que não conseguiu assimilar. Esses resíduos resultam naquilo que Kuhn (1962/2018) chamou de “anomalias”, cuja proliferação estabelece uma crise perante o paradigma vigente, demandando que ele se reorganize. Com uma crise de confiança estabelecida na comunidade, as anomalias – que nunca deixaram de existir, apenas ocupavam as margens – podem se fortalecer e caminhar para o centro daquela realidade, emergindo como “vanguarda de um novo paradigma” (Cesarino, 2022, p. 49). Desse modo, o paradigma anteriormente estabelecido – ou seja, a estrutura – se enfraquece e é pressionado pelo paradigma em progresso, funcionando como sua antiestrutura. Cesarino explica que o termo foi empregado por Victor Turner para “designar o momento reflexivo pelo qual uma sociedade se dobra sobre si mesma, trazendo à tona elementos que contestam os modelos políticos e legais que controlam o centro da vida de uma sociedade” (Cesarino, 2022, p. 49). Baseando-se nisso, a autora passa a utilizar o termo “públicos antiestruturais” para se referir àqueles que defendem o bolsonarismo, a extrema-direita e as teorias da conspiração e das ciências alternativas, apontando a principal semelhança entre

eles: o englobamento de modelos de reconhecimento universal por modelos de reconhecimento bifurcado. Substancialmente, o primeiro

representa a norma do Estado democrático de direito, da esfera pública liberal e da “ciência normal” prevalente no contexto pré-neoliberal. O segundo representa indivíduos dentro de comunidades de destino segmentadas, cujas relações são mediadas por lógicas afins à do livre mercado. Em um caso, o reconhecimento é, potencialmente e em norma, universal e público; no outro, o reconhecimento tem base particularista, sendo conferido apenas aos membros de uma mesma comunidade de destino que se integra, em última instância, pela contraposição a um entorno experimentado como ameaçador e incerto (tipicamente, um inimigo). (Cesarino, 2022, p. 21)

O primeiro capítulo é finalizado com Cesarino concluindo que os públicos antiestruturais desejam colocar em prática, justamente, o englobamento do contrário, em que o modelo de reconhecimento bifurcado se configura como o avesso do reconhecimento universal. É desse princípio, então, que parte o segundo capítulo, cujo principal objetivo é abordar a dimensão da materialidade técnica embutida na essência de sistemas como as novas mídias, favorecendo o surgimento de públicos antiestruturais. Na visão da autora, a infraestrutura em comum dessas tecnologias é construída com pressupostos invertidos, baseando-se em opacidade e assimetrias. Ainda que não tenham sido desenvolvidas necessariamente com o propósito de favorecer os públicos antiestruturais citados por Cesarino, as novas mídias beneficiam praticamente de maneira “espontânea” o surgimento e proliferação das antiestruturas, provocando mudanças na disposição da esfera pública, que acontecem de maneira muito mais acelerada dada a natureza veloz das mídias sociais. Essas transformações acarretam “processos de desintermediação”, que, segundo a autora, consistem no desengajamento de elementos que compunham a estrutura normativa anterior e eram vistos como confiáveis, a exemplo da democracia e da comunidade científica. Como consequência, o sistema não se rompe totalmente, mas é permeado por formas emergentes de reintermediação, como os influencers “experts” em saúde, mas sem nenhuma formação propriamente dita na área. Assim, o ambiente se torna altamente instável, com estrutura e antiestrutura, desintermediação e reintermediação, coexistindo juntamente.

Ao longo do capítulo, a autora também discorre sobre diversas características dos algoritmos e ressalta como é desproporcional a relação entre eles e os usuários, mas que, ainda assim, o ser humano resiste em se enxergar como um ambiente sujeito à influência de agências tecnológicas. Para além disso,

algoritmos tendem a privilegiar a junção de igual com igual, atuando numa espécie de “clusterização” dos indivíduos, e constantemente coletam e circulam dados pessoais dos usuários, o que resulta em uma das constatações mais preocupantes de toda a obra: não são os seres humanos que utilizam o digital e o algoritmo para ampliarem suas habilidades, mas, sim, o contrário.

Adentrando a próxima seção de *O mundo do avesso*, o terceiro capítulo se concentra em detalhar a relação entre algoritmização e populismo, tendo como panorama central a ascensão eleitoral da nova direita, principalmente do bolsonarismo, considerando acontecimentos desde 2013, com ápice nas eleições presidenciais de 2018. Posto isso, a pesquisadora adota o ponto de vista cibernético na abordagem desses fatos, classificando o populismo como tecnopolítica, visto que os artefatos técnicos da infraestrutura dos ambientes digitais – fundamentais na eleição de Bolsonaro – podem ter uma política embutida neles. Para investigar seu argumento, Cesarino realizou uma pesquisa em grupos bolsonaristas de WhatsApp, identificando dimensões técnicas do populismo no ambiente digital, como a

presença de uma ameaça existencial iminente, deslegitimação de estruturas de produção de verdade preexistentes (imprensa, academia) para isolar os seguidores em públicos fechados, e uma relação de mimese inversa onde o inimigo aparece como espelho invertido da identidade líder-povo. (Cesarino, 2022, p. 149)

A autora enfatiza, também, que a proliferação desses padrões miméticos e segmentados, que auxiliam na desestabilização do conhecimento universal, não acontece naturalmente nas novas mídias, mas sim de maneira algoritmicamente orientada. No decorrer do capítulo, Cesarino interpreta múltiplas características dos públicos antiestruturais com base nos conceitos cibernéticos apresentados na primeira seção, auxiliando a leitora a visualizá-los de modo mais concreto.

No último capítulo, que tem como objeto central a ascensão de teorias da conspiração e das ciências alternativas, a pesquisadora argumenta que, do ponto de vista estrutural, a crise da política e a crise da ciência são, na verdade, uma crise só, uma vez que “a atual infraestrutura de mídia ajuda a propiciar uma máquina de ressonância que aproxima, mas não confunde totalmente, populismo e pós-verdade” (Cesarino, 2022, p. 205). Ainda que tenha algumas ressalvas com o termo “pós-verdade”, a autora o utiliza inicialmente para se referir a processos de desinformação, conspiracionismos, negacionismos e pseudociências. Apesar de interpretar que a conjuntura sociopolítica brasileira é oriunda de uma mesma raiz, Cesarino explicita que os públicos antiestruturais possuem convergências, mas, também, dessemelhanças. Segundo a estudiosa,

os públicos do tratamento precoce da covid-19, segmentos conspiratórios e antivacina, “se sobrepõem apenas parcialmente ao bolsonarismo político no sentido estrito. Mas eles compartilham muitas das dinâmicas estruturais expostas no capítulo anterior e, portanto, também operam como públicos antiestruturais” (Cesarino, 2022, p. 206).

Sendo assim, a pesquisadora enfatiza que todos esses públicos se utilizam de uma lógica “estranho-familiares”, acionando constantemente extremos e promovendo uma desumanização do suposto inimigo, operando nos limites cinzentos da legalidade. Nessa dinâmica, não apenas trazem os acontecimentos em tempo real, como se valem de um movimento denunciatório, revelando verdades que são, de acordo com esses públicos, propositalmente escondidas do usuário comum, promovendo uma ideia de emancipação. O tema da verdade permeia significativamente todos os debates levantados por este capítulo e Cesarino explica como a produção de verdade está intimamente conectada à confiança social, salientando que as novas mídias são instrumentos imprescindíveis na transferência de confiança para novos mediadores.

Enfim, na conclusão de *O mundo do avesso*, intitulada “Sobre fins e recomeços”, a autora não oferece uma solução simples para o cenário descrito, visto que seria uma resolução utópica. Ao introduzir a perspectiva cibernética como um caminho possível para interpretar os fenômenos contemporâneos, fica evidente que qualquer tentativa de solução deverá englobar a dimensão técnica da crise. Por outro lado, a autora não nega seu ceticismo quanto à capacidade dos indivíduos de se contraporem às tendências sistêmicas atuais. No entanto, suas palavras finais não são de desânimo. Para Cesarino, “se há alguma esperança de evitar a democratização do fim do mundo pelo capitalismo, ela está, contraditoriamente, na capacidade de adaptação do próprio sistema” (Cesarino, 2022, p. 279). Caso encontre uma maneira de se reorganizar, priorizando sua continuidade, talvez não ocorra o final do mundo – mas apenas, o final deste mundo. Independente dos caminhos que serão percorridos, o trabalho de Cesarino traz o primeiro passo necessário para qualquer tipo de transformação, ao permitir que a leitora aprofunde sua compreensão em relação à conjuntura na qual está inserida e a quais problemáticas auxiliaram no desenvolvimento desse cenário caótico. É justamente por isso que, em sua essência, *O mundo do avesso* é uma obra disruptiva e necessária, que exige fôlego e coragem, tanto em sua concepção, quanto em sua leitura. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bateson, G. (1972). *Steps to an ecology of mind: Collected essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology*. University of Chicago Press.
- Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*. Ubu.
- Farias, L. A., Cardoso, I., & Oliveira, P. R. N. (2020). Comunicação, opinião pública e os impactos da revolução digital na era da pós-verdade e *fake news*. *Organicom*, 17(34), 71-81. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.176133>.
- Kuhn, T. S. (2018). *A estrutura das revoluções científicas*. (B. V. Boeira & N. Boeira, Trads.). 18a ed. Perspectiva. (Obra original publicada em 1962)
- Turner, V. W. (2013). *O processo ritual: Estrutura e antiestrutura*. (N. C. Castro, Trad). 2a ed. Vozes. (Obra original publicada em 1969)
- Wiener, N. (1948). Cybernetics. *Scientific American*, 179(5), 14-18. <https://doi.org/10.1038/scientificamerican1148-14>

Artigo recebido em 12 de março de 2024 e aprovado em 25 de março de 2024.